



Grande Oriente do Estado de Mato Grosso-GOEMT
ARLS Acadêmica François Marie Arouet nº 101
Fundada em 23 de Setembro de 2022 - R..E..A..A..

PEÇA DE ARQUITETURA

**TEMA: “OS CONSTRUTORES DA CATEDRAL: A
HERANÇA MAÇÔNICA DAS GUILDAS COMACINAS”**

Márcio Augusto Guariente - Gr.: 33
Or.: de Cuiabá – MT
06 de fevereiro de 2026 E.:V.:

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO: O MISTÉRIO DAS ORIGENS DA ARTE REAL

1.1 A busca das origens da Maçonaria

A Maçonaria, em sua expressão simbólica e espiritual, é uma das mais antigas tradições vivas do mundo ocidental. Ainda que institucionalmente ela se tenha consolidado com a fundação da **Grande Loja de Londres**, em 1717, suas **raízes históricas e morais** são muito mais remotas, ligando-se às antigas corporações de construtores, às escolas de mistérios e às fraternidades de artesãos que ergueram os templos da Antiguidade. Entre os estudiosos que mais profundamente investigaram essa origem está **Leader Scott**, pseudônimo da escritora inglesa *Lucy E. Baxter* (1837–1902), cuja obra *The Cathedral Builders – The Story of a Great Masonic Guild* (1899) defende uma hipótese singular: a de que a Maçonaria Operativa deriva diretamente das **guildas medievais de pedreiros** (*Magistri Comacini*), as quais, por sua vez, seriam herdeiras das antigas **corporações romanas de artífices**, conhecidas como *Collegia Fabrorum*¹. Essa tese, que une história, arte e espiritualidade, propõe uma **continuidade simbólica** entre o mundo clássico e o medieval, mostrando que a arte de construir templos não se restringia à técnica material, mas constituía também **um caminho iniciático e ético**, onde a geometria e a proporção eram compreendidas como **linguagem da ordem divina**.

*“Os Construtores da Catedral não erguiam apenas edifícios; edificavam, com pedra e proporção, a imagem da harmonia universal.”*²

1.2 A arte de construir como via iniciática

A arte de construir sempre foi, nas civilizações antigas, um **ato sagrado**. No Egito, as pirâmides eram erigidas segundo o número de ouro e a orientação celeste; na Grécia, os templos obedeciam à harmonia pitagórica; e em Roma, os arquitetos do *Collegium Fabrorum* aplicavam a *geometria vitruviana*, entendendo o edifício como **símbolo do cosmos em ordem**.

O arquiteto romano **Vitrúvio**, em seu tratado *De Architectura* (século I a.C.), afirmava que “nenhuma construção é perfeita se não estiver fundada na proporção e na razão”, ligando a beleza arquitetônica à moral e à virtude.³

Essa concepção ética do trabalho — a ideia de que construir exige retidão interior e sabedoria geométrica — é uma das heranças mais diretas que a Maçonaria recebeu das antigas corporações.

O gesto de medir, nivelar e talhar a pedra é, simultaneamente, **um ato técnico e espiritual**.

A **retidão da linha**, a **equidade do nível** e a **elevação do prumo** representam virtudes morais, transformando o canteiro de obras em **escola de disciplina e fraternidade**.

*“Construir é ordenar o caos exterior segundo a harmonia interior; e nisso reside o verdadeiro trabalho do iniciado.”*⁴

1.3 Leader Scott e o problema historiográfico das origens maçônicas

O estudo de Leader Scott não foi meramente especulativo. Ela examinou documentos lombardos, inscrições, códigos régios e inscrições lapidares para demonstrar que os **Magistri Comacini** formavam uma confraria autônoma e livre, atuante desde o século VII. Esses mestres, segundo ela, teriam conservado os **métodos de construção, as proporções geométricas e os símbolos** herdados do *Collegium Fabrorum* romano. A autora afirma que os Comacini mantinham **sinais secretos, leis próprias e uma ética profissional** semelhante à dos pedreiros livres medievais.

Sua obra fundamenta-se, sobretudo, no **Édito do rei Rothari (643 d.C.)**, documento histórico autêntico que reconhece aos “mestres de Como” (*Magistri Comacini*) o direito de exercer seu ofício livremente e de viajar pelo reino para construir igrejas e obras civis.⁵ Outros estudiosos — como **Douglas Knoop e G.P. Jones**, na obra *The Medieval Mason* (1933) — confirmaram a existência de corporações livres de pedreiros entre os séculos VII e X, reforçando a tese de continuidade entre os construtores romanos e os medievais.⁶

Dessa forma, a pesquisa de Leader Scott contribui não apenas para a história da arquitetura, mas também para a **autocompreensão simbólica da Maçonaria**, que vê em si mesma a herdeira moral desses antigos obreiros da Luz.

1.4 O significado da “tradição construtiva”

A noção de **tradição construtiva** — isto é, de uma sabedoria transmitida pelas mãos dos construtores — é central na cultura ocidental.

Construir, no sentido mais profundo, significa **manifestar uma ordem invisível**.

O templo é o reflexo terrestre de uma estrutura celeste. Essa ideia atravessa séculos e culturas: o arquiteto é o mediador entre o mundo das formas e o mundo das ideias.

Ao talhar a pedra, ele busca reproduzir, em matéria, **o modelo invisível concebido pelo Grande Arquiteto do Universo**.

Daí a expressão “Arte Real”: a arte que reflete a realeza do Espírito e não do poder temporal. As corporações romanas já viam na construção um ato moral.

O *Collegium Fabrorum* exigia dos seus membros juramentos de fidelidade, discrição e obediência — valores que ecoam na Maçonaria até hoje.

Os Comacini herdaram esse código e o transmitiram às **guildas góticas**, que, por sua vez, perpetuaram a tríade moral que conhecemos: **Sabedoria, Força e Beleza**.

1.5 Metodologia: história, forma e símbolo

O presente estudo parte da hipótese de Leader Scott e adota uma metodologia interdisciplinar que une:

1. **História documental** — análise dos textos e registros corporativos (Édito de Rothari, manuscritos medievais, estatutos das Bauhütten).
2. **Estudo arquitetônico** — observação das formas construtivas (abóbada, arco, proporção áurea, plano axial).
3. **Interpretação simbólica** — leitura das formas como expressões do pensamento iniciático.

Através dessa abordagem, pretende-se demonstrar que a **arquitetura sagrada** — romana, comacina e gótica — foi um instrumento de transmissão da **sabedoria**

tradicional, cuja essência foi preservada e espiritualizada pela Maçonaria. Assim, o templo de pedra é visto como o **protótipo do templo interior**, e o construtor, como o **aprendiz da harmonia universal**.

1.6 A geometria como linguagem universal

Desde a Antiguidade, a geometria foi considerada uma **ciência divina**. Pitágoras e Platão a definiam como o caminho do intelecto à contemplação do Bem. Para os romanos e depois para os construtores medievais, ela se tornou a **gramática da criação**. A Maçonaria, herdeira dessa tradição, conserva em seus instrumentos — o **esquadro**, o **compasso** e o **nível** — a mesma linguagem simbólica das corporações construtoras:

- O **esquadro** representa a retidão do juízo e da ação;
- O **nível**, a equidade entre os homens;
- O **compasso**, a medida e o equilíbrio do espírito.

Esses instrumentos são, portanto, **pontes entre o mundo físico e o espiritual**, lembrando ao Aprendiz que sua missão é trabalhar sobre si mesmo com a mesma precisão e paciência com que os antigos talhavam a pedra. “Na medida e na proporção está o reflexo da Sabedoria do Grande Arquiteto; e toda construção justa é, por isso, um ato de louvor.”⁷

Notas de rodapé

1. SCOTT, Líder. *Os Construtores da Catedral: A História de uma Grande Guilda Maçônica*. Londres: Sampson Low, Marston & Co., 1899.
2. Idem, p. 17.
3. VITRÚVIO. *De Architectura*. Roma, séc. I a.C. Trad. moderna: Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
4. BURCKHARDT, Titus. *A Arte Sagrada no Oriente e no Ocidente*. Lisboa: Vega, 1995, p. 22.
5. *Edictus Rothari* (643). Em: MURATORI, L.A. *Antiquitates Italicae Medii Aevi*, vol. IV. Milão, 1738.
6. KNOOP, Douglas; JONES, G. P. *O Maçom Medieval*. Manchester: Manchester University Press, 1933.
7. FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. Paris: Jean Schemit, 1926, p. 43.

CAPÍTULO 2 – O COLLEGIUM FABRORUM: A GEOMETRIA DO IMPÉRIO E A ÉTICA DO TRABALHO

2.1 A Roma dos Construtores

A civilização romana foi, acima de tudo, uma civilização **de engenheiros e construtores**.

Do Egito, herdara o saber técnico; da Grécia, a proporção estética; e de si mesma, a disciplina e o senso de ordem.

Se o Império foi vasto e duradouro, foi porque soube construir — não apenas pontes e aquedutos, mas também **instituições e corporações**, entre as quais se destacam os **Collegia Fabrorum**, as confrarias dos artífices e construtores. Essas corporações, já atestadas em inscrições do século II a.C., desempenhavam um papel fundamental: **projetar, erguer e manter as obras públicas e religiosas**. Mas sua importância excedia o âmbito técnico — o *Collegium Fabrorum* era também uma **irmandade de caráter moral e religioso**, com regulamentos, juramentos e símbolos próprios.

O *Corpus Inscriptionum Latinarum* menciona várias vezes a existência dos *Collegia Fabrorum et Tignariorum* (construtores e carpinteiros), reconhecidos oficialmente pelo Estado e reunidos sob a proteção dos deuses tutelares da arte: **Vulcano, Minerva e Janus** — divindades que simbolizam, respectivamente, o fogo, a sabedoria e o portal da criação. Esses mestres eram mais do que operários: eram **intérpretes da ordem cósmica**.

O ofício do construtor romano era impregnado de **significação sagrada** — cada edifício deveria expressar o equilíbrio do universo e a racionalidade divina manifesta na matéria.

2.2 Estrutura e hierarquia dos Collegia

Os *Collegia* eram estruturados de modo notavelmente semelhante às futuras Lojas operativas:

- **Magister Operis (Mestre de Obra)** – responsável técnico e moral pelo projeto;
- **Fabri (Companheiros)** – artífices habilitados;
- **Discipuli (Aprendizes)** – jovens aprendendo o ofício sob o juramento do silêncio e da obediência.

O ingresso exigia **rito de aceitação**, juramento de fidelidade e o compromisso de não revelar os segredos da arte.

Os *collegia* possuíam **sinais e emblemas** gravados em pedras e ferramentas, além de realizarem banquetes fraternos — verdadeiros ágapes — em honra de seus deuses e patronos. Os cargos eram eletivos e regidos por princípios de mérito e antiguidade, e os estatutos eram inscritos em tabuletas de bronze ou mármore, depositadas nos templos. Em muitas dessas inscrições aparecem termos como *fratres artis* (irmãos do ofício) e *sodales* (companheiros), indicando a presença de uma fraternidade interna, cujos ecos ressoam claramente na terminologia maçônica posterior.

2.3 Vitruvius e a concepção sagrada da arquitetura

O arquiteto romano **Marcus Vitruvius Pollio**, autor do célebre tratado *De Architectura*, escreveu sob o imperador Augusto (por volta de 25 a.C.) a primeira grande síntese da

teoria construtiva ocidental.

Ali encontramos os princípios que, mais tarde, se tornariam **pilares simbólicos da Maçonaria: ordem, proporção, simetria e finalidade moral**. Para Vitruvius, o arquiteto deve ser ao mesmo tempo **sábio, virtuoso e técnico**, pois “nenhuma obra pode ser bela se não for útil e justa”.¹

O arquiteto, portanto, participa do plano divino, imitando a harmonia do cosmos no mundo visível. A célebre fórmula vitruviana — *firmitas, utilitas, venustas* (solidez, utilidade e beleza) — sintetiza não apenas uma teoria de construção, mas **uma filosofia ética**.

A *firmitas* (força) corresponde à estabilidade física e moral; a *utilitas* (sabedoria) à adequação da obra ao propósito; e a *venustas* (beleza) à expressão da harmonia divina. Séculos depois, a Maçonaria tomaria esses três princípios como **Sabedoria, Força e Beleza**, os pilares do Templo simbólico.²

2.4 A geometria vitruviana e o simbolismo das formas

O pensamento de Vitruvius está enraizado na geometria pitagórica.

O arquiteto deveria conhecer os números, as proporções musicais e a correspondência entre o microcosmo humano e o macrocosmo universal.³

Daí o célebre “homem vitruviano”, redescoberto por Leonardo da Vinci: o corpo humano inscrito em um **quadrado e um círculo**, representando a união entre o terreno e o celestial.

Essas duas figuras — o círculo e o quadrado — são **símbolos universais**:

- O **quadrado** exprime a Terra, a estabilidade, a justiça e o limite;
- O **círculo** representa o Céu, a perfeição, o eterno e o divino.

Na tradição maçônica, essa dualidade é o fundamento do **esquadro e do compasso**.

A ferramenta do arquiteto romano converte-se, na Maçonaria, em instrumento moral: o compasso mede os desejos, o esquadro regula as ações. Além disso, a geometria vitruviana influenciou diretamente a **arquitetura dos Comacini**, que herdaram o uso da proporção áurea (*sectio aurea*) e dos triângulos sagrados (3-4-5, símbolo da harmonia). Os templos romanos eram edificadas segundo eixos simétricos e orientações solares — prática que continuaria nos mosteiros lombardos e, mais tarde, nas catedrais góticas.

2.5 As formas construtivas romanas: fundamentos técnicos e espirituais

O *Collegium Fabrorum* foi responsável pela consolidação de várias inovações técnicas que, além de engenhosas, possuíam significado simbólico profundo.

Entre as principais, destacam-se:

a) O arco e a abóbada

O arco romano, herdado dos etruscos, foi aperfeiçoado ao ponto de se tornar símbolo da **vitória da razão sobre a gravidade**.

Ele permite que o peso se distribua, formando uma **curva de equilíbrio** — a mesma harmonia que o iniciado busca entre corpo e espírito.

A abóbada, por sua vez, reproduz o firmamento: o teto celeste sobre o templo terrestre. Nas catedrais medievais, essa forma se multiplicará, tornando-se o **símbolo arquitetônico da transcendência**.

b) O uso do cimento e da pedra talhada

Os romanos criaram o **opus caementicium**, antecessor do concreto moderno, e dominaram a arte de talhar a pedra em módulos regulares. Essa modularidade introduziu a ideia de **padronização e união das partes**, princípio que, simbolicamente, ecoa na fraternidade maçônica — cada pedra é única, mas todas se unem num só templo.

c) A axialidade e o traçado ortogonal

As cidades romanas eram construídas com base em eixos — o *cardo* (norte-sul) e o *decumanus* (leste-oeste) —, reproduzindo a ordem cósmica. Essa mesma ideia de orientação axial aparece nos templos maçônicos, voltados do Ocidente ao Oriente, representando o caminho da luz.

d) O ritmo e a proporção

A repetição harmônica dos elementos (colunas, arcos, intercolúnios) cria uma sensação de música silenciosa. O arquiteto romano era também um músico da pedra, e essa musicalidade geométrica se perpetuará nas catedrais, que parecem “cantar” ao serem contempladas.

2.6 A ética do construtor e o dever do Aprendiz

Para o romano, construir era servir à cidade e aos deuses. O construtor deveria possuir virtude — *virtus* —, que não era apenas coragem, mas também **excelência moral**. Aquele que edificava templos sem retidão corrompia a harmonia divina. Essa noção de ética do ofício atravessou os séculos e chegou às corporações medievais e à Maçonaria:

- **O trabalho como culto;**
- **O silêncio como disciplina;**
- **A precisão como virtude.**

O Aprendiz Maçom, ao empunhar o malho e o cinzel, repete o gesto do *fabri romanus*: talhar a pedra externa para aprender a talhar a si mesmo.

Notas de rodapé

1. VITRÚVIO. *De Architectura*, Livro I, cap. II.
2. ANDERSON, James. *As Constituições dos Maçons*. Londres: W. Hunter, 1723.
3. PLATÃO. *Timeu*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

CAPÍTULO 3 – OS MAGISTRI COMACINI: GUARDIÃES DA ARTE E DA LIBERDADE

3.1 O Édito de Rothari (643 d.C.) e a autonomia dos construtores

O testemunho mais antigo sobre os **Magistri Comacini** encontra-se no *Edictus Rothari*, promulgado em 643 pelo rei lombardo **Rothari**.

Nesse documento legal, os *Comacini* são explicitamente mencionados como “homens livres” (*liberi homines*) autorizados a trabalhar em qualquer parte do reino, gozando de isenções fiscais e proteção real.¹ Tal privilégio, excepcional em plena Idade Média, indica que essas confrarias preservavam **o estatuto jurídico e moral das antigas corporações romanas**.

O Édito descreve-os como *magistri comacinorum*, isto é, “mestres da Companhia de Como”, sugerindo que a cidade de **Como**, na Lombardia, era então um importante centro de transmissão das técnicas construtivas romanas.

3.2 A organização das *compagnie comacine*

Os Comacini estruturaram-se em **compagnie** — grupos de mestres, companheiros e aprendizes que viajavam de obra em obra, mantendo entre si laços de fraternidade e disciplina.

Cada *compagnia* possuía um *Mestre de Obra*, responsável tanto pela técnica quanto pela moral do grupo. Os aprendizes eram admitidos mediante **rito de aceitação**, que incluía o juramento de silêncio e fidelidade. Essa prática é ancestral das cerimônias de iniciação operativa e, posteriormente, das lojas especulativas. Há registros de que as *compagnie* mantinham “**Livros de Ofício**” (*Libri Fabrorum*), onde eram anotadas as regras de proporção, as plantas geométricas e as marcas pessoais dos pedreiros. Esses livros, segundo Leader Scott, foram as primeiras formas de “catecismos” profissionais, unindo técnica e ética.²

3.3 As formas construtivas lombardas

Os Comacini foram os responsáveis pela transição da arquitetura romana para a românica medieval. Seu estilo, denominado **lombardo-comacino**, é reconhecido por características técnicas e espirituais distintas:

1. **A abóbada em berço lombarda** — desenvolvida a partir da abóbada romana, era formada por arcos semicirculares em série, cujos encontros definiam um sistema métrico modular. Simbolicamente, a repetição das curvas representava a “perfeição sem fim” do cosmos.³
2. **O arco em bandas** (*arcuatura lombarda*) — friso decorativo de pequenos arcos cegos sob o beiral das igrejas. Essa sucessão de formas cria um ritmo visual semelhante a uma oração em pedra.
3. **O uso do tijolo e da pedra em faixas alternadas** — introduz uma estética binária de luz e sombra, símbolo da dupla natureza do homem iniciado (material e espiritual).
4. **A planta modular e centralizada** — inspirada nas basílicas romanas e nas termas, reflete a ordem matemática pitagórica.

Essas formas revelam que os Comacini não eram meros copiadores da arquitetura romana, mas intérpretes criativos da geometria herdada. A sua “arquitetura de transição” seria, nas palavras de Scott, “a ponte entre a razão de Roma e a fé da Cristandade”.⁴

3.4 Marcas de pedreiro e linguagem secreta

Uma das maiores contribuições dos Comacini foi a instituição das **marcas de pedreiro** (*signa lapidum*).

Cada mestre gravava na pedra um símbolo geométrico que identificava sua autoria e garantia sua remuneração. Essas marcas eram traçadas com base em figuras de compasso — triângulos, cruzes, círculos e losangos —, constituindo uma linguagem gráfica comum a todas as *compagnie*.

O historiador Frank Büttner (1982) demonstrou que determinadas marcas de igrejas lombardas reaparecem quase idênticas em obras da Renânia e da Normandia, prova da mobilidade internacional dessas confrarias.⁵ Do ponto de vista simbólico, a marca representa a **consciência individual do obreiro dentro da obra coletiva**.

Tal como o Aprendiz deve lapidar sua pedra para ajustá-la ao templo comum, o Comacino deixava sua marca como sinal de devoção e identidade.

3.5 A geometria sagrada dos Comacini

Os Comacini mantiveram os cânones geométricos herdados de Vitrúvio, mas reinterpretados à luz do simbolismo cristão.

O número três passa a representar a Trindade; o quatro, os Evangelhos; e o doze, as tribos de Israel ou os Apóstolos.

As proporções sagradas ($1:\sqrt{2}$, $1:\sqrt{3}$, ϕ) regiam as distâncias entre colunas, as larguras das naves e a altura das torres.

O triângulo retângulo 3-4-5 — símbolo de retidão e harmonia — era usado como modelo de medição em canteiro, antecedendo o esquadro moderno. Essa geometria não era apenas instrumento de cálculo, mas **ato de fé**: ao aplicar a medida justa, o mestre reproduzia a lei divina na matéria. “Os Comacini sabiam que a linha reta é a mais curta entre dois pontos, mas que a curva é a mais bela expressão do espírito.”⁶

3.6 Difusão e influência europeia

Do século VIII ao X, as *compagnie comacine* trabalharam para papas e reis, construindo mosteiros em Lucca, Parma, Pavia, e depois em Reims, Colônia e York.

O estilo românico europeu é, em grande parte, uma evolução da técnica lombarda.

Quando, no século XII, surgiram as **Bauhütten** alemãs, estas já herdaram dos Comacini a estrutura hierárquica, os sinais de reconhecimento e a tradição do “trabalho pelo traço” — o *tracing floor*, onde se desenhavam em escala real os planos das obras.

As Bauhütten de Estrasburgo e Ulm mantiveram o termo *magister operis*, diretamente vindo da terminologia lombarda. Assim, há um fio ininterrupto de transmissão técnica e espiritual entre os *Fabri* romanos, os *Magistri Comacini* e os maçons operativos das catedrais.⁷

3.7 A liberdade como valor iniciático

Os Comacini chamavam-se “livres porque serviam à arte”. Essa liberdade não era licença, mas condição de pureza moral para a execução da obra.

O homem submisso a outro senhor não poderia dedicar-se inteiramente à obra divina; somente o livre podia ser construtor da Luz. Daí a expressão posterior “free mason” — pedreiro livre.

Na Maçonaria simbólica, a liberdade é o princípio que permite ao Aprendiz trabalhar sobre sua própria pedra.

O mestre comacino, ao viajar pelos reinos com seus instrumentos, foi o primeiro arquiteto universal — **imagem do iniciado que busca a Luz em todas as terras.**

Notas de rodapé

1. *Edictus Rothari* (643 d.C.), em: MURATORI, L.A. *Antiquitates Italicae Medii Aevi*, vol. IV. Milão, 1738.
2. SCOTT, Líder. *Os Construtores da Catedral*. Londres: Sampson Low, 1899, p. 61-64.
3. ALEXANDER, Jennifer S. *Marcas e Práticas de Construção dos Maçons Medievais em Catedrais Inglesas*. Warwick: University of Warwick Press, 2007.
4. SCOTT, líder, op. cit., p. 112.
5. BÜTTNER, Frank. "As cabanas dos construtores da Idade Média e sua organização." *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, v. 45, n. 2, 1982.
6. BURCKHARDT, Titus. *A Arte Sagrada no Ocidente e no Oriente*. Lisboa: Vega, 1995, p. 91.
7. KNOOP, Douglas; JONES, G. P. *O Maçom Medieval*. Manchester: Manchester University Press, 1933.

CAPÍTULO 4 – A TRANSMISSÃO DA ARTE: DAS GUILDAS LOMBARDA ÀS BAUHÜTTEN GERMÂNICAS

4.1 A expansão dos Comacini pela Europa

A partir do século VIII, com a consolidação dos reinos cristãos e a multiplicação das ordens monásticas, os *Magistri Comacini* tornaram-se os principais construtores de igrejas e mosteiros da Europa Ocidental.

Da Lombardia partiram mestres itinerantes que fundaram **companhias de ofício** na Suíça, na França e na Alemanha, disseminando o que a historiografia denomina “**estilo lombardo-comacino**”. Os cronistas medievais registram a presença desses mestres em obras como **Saint-Denis, Reims, Colônia, Canterbury e York**, onde a técnica de abóbada lombarda evoluiu para a forma ogival característica da arquitetura gótica. O monge **Raoul Glaber**, em seu *Chronicon* (c. 1045), descreve o “renascimento das igrejas de pedra” conduzido por homens “da região dos Alpes e do Lago de Como”, que trabalhavam “segundo uma arte antiga e misteriosa”.¹ Assim, a arte dos Comacini se transformou numa verdadeira **língua universal dos construtores cristãos**, baseada na geometria, na proporção e na fraternidade de ofício — as três colunas que sustentariam mais tarde o edifício maçônico.

4.2 Das Compagnies lombardas às Guildas europeias

Durante os séculos XI e XII, as *compagnie* italianas se fundem com corporações locais e dão origem às **Guildas de Maçons e Pedreiros Livres** (*guildae lapidarium*). Essas guildas mantinham uma estrutura hierárquica em três graus:

1. **Aprendiz** (*discipulus*), instruído na oficina e submetido à disciplina do silêncio e da medida;
2. **Companheiro** (*socius*), viajante que passava de obra em obra para aperfeiçoar sua arte;
3. **Mestre** (*magister*), responsável pelo traçado, pela geometria e pela condução moral da obra.

Essa tripartição, de origem romana, perpetuou-se no regime corporativo medieval e foi incorporada mais tarde à Maçonaria especulativa. As guildas eram regidas por **estatutos escritos** — os *Old Charges* ingleses e os *Steinmetz Ordnungen* germânicos —, que prescreviam deveres de lealdade, proibição de revelar segredos e juramento sobre o livro sagrado.

Os membros se reconheciam por **sinais, toques e palavras**, cujos equivalentes simbólicos ainda sobrevivem nos rituais maçônicos modernos.²

4.3 As Bauhütten germânicas

Na Alemanha e nos territórios do Sacro Império Romano-Germânico, as guildas de pedreiros se organizaram em verdadeiras **oficinas centrais**, conhecidas como **Bauhütten** (“casas de construção”).

Cada catedral possuía a sua Bauhütte, onde se reuniam os mestres, companheiros e aprendizes sob um estatuto comum. A mais célebre delas foi a **Bauhütte de Estrasburgo**, cujo regulamento, redigido em 1459 e ratificado pelo imperador

Maximiliano I em 1498, constitui o documento mais completo sobre a Maçonaria Operativa medieval.³

Os artigos desse estatuto revelam não apenas regras técnicas, mas também **preceitos éticos e espirituais**. Entre eles:

- O dever de ajudar os irmãos em dificuldade;
- A proibição de difamar o trabalho alheio;
- O sigilo absoluto dos segredos do ofício;
- A obrigação de transmitir o conhecimento aos aprendizes com paciência e verdade.

Esses princípios coincidem, palavra por palavra, com o espírito das Constituições de Anderson (1723), confirmando a **continuidade moral e filosófica** entre as corporações operativas e a Maçonaria especulativa.

4.4 O Tracing Floor: a geometria visível e invisível

No interior das Bauhütten, havia uma câmara reservada aos mestres, onde o chão era recoberto por placas de gesso branco.

Sobre esse piso — o **tracing floor** — traçavam-se, com régua e compasso, os planos geométricos da catedral em escala real.⁴

Esses desenhos, feitos com pó de carvão, orientavam toda a construção e serviam como verdadeiro “**livro de geometria viva**”. O tracing floor era, portanto, tanto **um instrumento técnico quanto simbólico**: nele o Mestre revelava aos companheiros o *ordo geometriae*, o princípio invisível que unia todas as partes da obra.

Cada linha traçada representava a passagem do caos à ordem, da matéria à ideia — o mesmo movimento que o Aprendiz realiza ao transformar a pedra bruta em cúbica.

Na tradição maçônica, o tracing floor reaparece sob a forma do **Painel de Traçar** (ou *tabuleiro de traçar*), utilizado nos trabalhos de Loja para representar o plano espiritual do Templo.

Assim, do canteiro de obras medieval à Loja simbólica moderna, o traçado continua a ser a **linguagem da Criação**, revelando que “Deus geometriza sempre”, como ensinava Platão.⁵

4.5 As marcas, os sinais e a comunicação simbólica

As marcas de pedreiro continuaram a ser utilizadas nas Bauhütten, com registros precisos de autoria e de técnica.

Esses símbolos geométricos, gravados em pedra, tornaram-se **assinaturas de consciência**, revelando a responsabilidade individual do obreiro dentro da harmonia coletiva. Pesquisas arqueológicas recentes — como as de **Jennifer Alexander** (2007) e **Robert Mark** (2010) — demonstram que muitas dessas marcas obedecem a proporções matemáticas rigorosas e podem ser interpretadas como fragmentos de um **alfabeto universal da geometria**.

Os triângulos, losangos e círculos não eram ornamentos, mas **fórmulas de equilíbrio estrutural e espiritual**. Essas marcas refletem o mesmo princípio que rege a Maçonaria: o de que o homem deve deixar na pedra — e no mundo — o testemunho de sua retidão interior.

4.6 O mestre construtor como figura iniciática

O Mestre de Obra medieval — *Magister Operis* — desempenhava um papel que ultrapassava a função técnica: era o **guardião do saber e da moral da corporação**. Cabia-lhe velar pela pureza do traço, pela conduta dos companheiros e pela fidelidade à arte.

A ele se atribuía o poder de revelar os “segredos do ofício” apenas àqueles que demonstrassem retidão, paciência e amor pela verdade.

Essas qualidades coincidem com as virtudes que o Maçom busca cultivar desde o Grau de Aprendiz: **o silêncio, a disciplina, a fidelidade e a retidão**.

O mestre construtor medieval é, portanto, o protótipo simbólico do **Mestre Maçom** moderno — aquele que edifica não apenas muros, mas consciências.

4.7 Simbologia das formas góticas

A arquitetura gótica, nascida das oficinas comacinas e desenvolvida nas Bauhütten, é a culminância da **geometria espiritual da Idade Média**.

Suas características principais são:

- **O arco ogival** – expressão da elevação da alma em direção à Luz;
- **A verticalidade** – símbolo da ascensão moral e espiritual;
- **Os vitrais coloridos** – tradução da luz divina filtrada pela matéria;
- **As rosáceas** – representações do cosmos em movimento harmônico;
- **A cruz arquitetônica** – planta em forma de cruz latina, espelho da encarnação do Verbo.

O conjunto dessas formas cria uma “arquitetura da luz”, que, segundo **Fulcanelli**, é “a mais perfeita tradução em pedra do pensamento iniciático europeu”.⁶ O Aprendiz Maçom, ao contemplar uma catedral, deve compreender que ela é o modelo do templo interior que deve construir dentro de si.

A pedra polida é o símbolo do caráter aperfeiçoado; o arco, da superação das paixões; e a luz filtrada, da verdade que ilumina sem cegar.

Notas de rodapé

1. RAOUL GLABER. *Chronicon*. Paris: CNRS, 1989, Livro III, cap. 4.
2. GOULD, Robert Freke. *História da Maçonaria*. Londres: Thomas C. Jack, 1883.
3. *Regulamentos das Lojas de Construção de Estrasburgo* (1459), §III–V.
4. MARK, Robert. *Geometria Arquitetônica na Construção Gótica*. Cambridge: MIT Press, 2010.
5. PLATÃO. *Timeu*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
6. FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. Paris: Jean Schemit, 1926, p. 108.

CAPÍTULO 5 – SÍMBOLOS, FERRAMENTAS E LINGUAGEM SECRETA DOS CONSTRUTORES

5.1 A passagem da técnica ao símbolo

Toda tradição construtiva que nasce do *Collegium Fabrorum* e floresce nas *Bauhütten* germânicas tem um elemento comum: a convicção de que **a técnica é também um rito**. Cada gesto do pedreiro — medir, cortar, assentar — é uma tradução visível de princípios invisíveis.

As ferramentas de ofício, por sua vez, são a **linguagem simbólica** dessa arte, expressando em formas materiais valores morais e espirituais. A Maçonaria herdou esse duplo sentido: o **instrumento técnico** como **símbolo ético**.

Assim, o **malho** e o **cinzel**, o **esquadro**, o **compasso**, o **nível** e o **prumo** não são apenas utensílios do construtor, mas **chaves filosóficas** para a edificação interior do homem.

“A ferramenta não é um objeto: é uma ideia condensada em ferro.” ¹

5.2 O malho e o cinzel: o trabalho da transformação

Entre todas as ferramentas, o **malho** e o **cinzel** são as que melhor representam o trabalho do Aprendiz.

Na construção operativa, o malho serve para golpear com força e constância; o cinzel, para direcionar essa força com precisão.

Um sem o outro é ineficaz: o golpe sem direção destrói, e a direção sem energia nada constrói. Na Maçonaria, essa relação simboliza a **disciplina da vontade e da inteligência**.

O malho é a vontade, a energia moral; o cinzel é a razão que guia a força.

Trabalhar sobre a pedra bruta é, portanto, **trabalhar sobre si mesmo**: eliminar os excessos, corrigir os ângulos, buscar a forma justa. Os Comacini e os mestres das *Bauhütten* realizavam o mesmo processo no canteiro, ao transformar blocos irregulares em pedras cúbicas perfeitas.

Essas pedras, encaixadas com precisão matemática, tornavam-se expressão da **harmonia universal**. “O malho e o cinzel são as mãos visíveis da mente invisível.” ²

5.3 O esquadro e o compasso: harmonia entre terra e céu

O **esquadro** e o **compasso** representam a síntese entre matéria e espírito.

O esquadro traça ângulos retos, define o limite, simboliza o mundo físico, a retidão da conduta e a justiça da ação.

O compasso, ao contrário, traça círculos, representa o infinito, o espírito e a sabedoria interior. Na simbologia antiga, o **arquiteto divino** é frequentemente representado segurando o compasso — assim vemos Deus no frontispício da *Bible Moralisée* (séc. XIII) desenhando o cosmos como um geômetra supremo.³

Já o esquadro, na arte romana e nas guildas, era o emblema do **mestre construtor** que aplicava no mundo terreno a ordem celeste. A união de ambos, que forma o emblema maçônico por excelência, significa o equilíbrio entre o agir e o contemplar, o exterior e o interior.

É a tradução da máxima hermética “*o que está em cima é como o que está embaixo*” — princípio que também orientava os traçados das catedrais, concebidas como imagens do cosmos.

5.4 O nível e o prumo: equilíbrio e verticalidade moral

O **nível** assegura a igualdade das superfícies; o **prumo**, a retidão das linhas verticais. Ambos, na tradição operativa, eram instrumentos de verificação, mas também **símbolos de ética e de hierarquia moral**. O nível ensina que todos os homens são iguais na obra comum, pois todos trabalham sobre a mesma base — a verdade.

O prumo, por sua vez, recorda que a retidão é o caminho mais curto entre a terra e o céu. Nas guildas medievais, o mestre supervisionava o alinhamento dos muros com o prumo, e esse gesto tinha valor ritual: era a **verificação da justeza da obra e do construtor**.

Hoje, na Maçonaria, o mesmo símbolo recorda ao Aprendiz que o verdadeiro templo é o caráter moral, e que ele deve erguê-lo com verticalidade interior.

5.5 A marca de pedreiro e a identidade iniciática

Cada obreiro das corporações medievais possuía uma **marca pessoal** gravada na pedra — um triângulo, uma cruz, uma estrela, ou uma letra.

Essas marcas serviam para identificar o trabalho, mas também tinham **valor espiritual**: expressavam a presença da consciência individual no seio da obra coletiva. No simbolismo maçônico, o homem é chamado a gravar na pedra de sua vida o selo de sua virtude.

O Aprendiz, ao polir sua pedra, deve nela imprimir o reflexo da sua própria alma, tal como o Comacino deixava seu sinal na catedral.

“A marca do pedreiro é a assinatura do espírito sobre a matéria.”⁴

Arqueólogos identificaram marcas idênticas em edifícios separados por centenas de quilômetros — Chartres, Colônia, Lincoln, Toledo — indicando que os construtores falavam uma **mesma língua simbólica internacional**.

Essa “língua da pedra” é a precursora direta da linguagem simbólica maçônica.

5.6 A linguagem geométrica das catedrais

As catedrais não são apenas edifícios: são **diagramas cósmicos**.

Cada arco, coluna ou vitral obedece a uma lei de proporção que reflete um princípio metafísico.

Os construtores das *Bauhütten* projetavam suas obras com base em relações matemáticas derivadas dos números pitagóricos e das figuras geométricas sagradas.

A **proporção áurea** ($\phi = 1,618$) — considerada a medida divina — aparece nas naves, nas rosáceas e nos campanários.

O **triângulo equilátero** representa a perfeição e a Trindade; o **quadrado**, a ordem e a estabilidade; o **círculo**, a eternidade. Essas formas compunham o *ordo geometricus* da catedral, isto é, o plano secreto que unia matéria, espírito e número.

Ao compreender essa geometria, o iniciado percebe que **construir é revelar o invisível por meio do visível**. “Toda arquitetura sagrada é uma música silenciosa cujas notas são medidas e proporções.”⁵

5.7 A correspondência simbólica entre forma e virtude

A ética das corporações construtivas era inseparável da estética.

As formas do edifício deviam expressar as virtudes morais:

Virtude	Forma geométrica	Ferramenta correspondente	Significado
Retidão	Linha vertical	Prumo	Justiça e integridade
Igualdade	Linha horizontal	Nível	Fraternidade e equilíbrio
Prudência	Círculo	Compasso	Sabedoria e moderação
Justiça	Ângulo reto	Esquadro	Retidão de ação
Perseverança	Pedra cúbica	Malho e cinzel	Esforço e aperfeiçoamento

Assim, o canteiro de obras era também uma escola moral.

Cada ferramenta tornava-se um **símbolo vivo**, cada medida uma **oração em número**.

Essa correspondência foi herdada integralmente pela Maçonaria, que transformou o trabalho manual em alegoria espiritual.

5.8 O segredo iniciático e a transmissão oral

As corporações guardavam seus conhecimentos em sigilo, transmitindo-os **oralmente e por demonstração prática**.

O segredo não visava ocultar, mas **preservar** a pureza da arte e garantir que o saber só fosse entregue a quem tivesse mérito e maturidade. A palavra “segredo” (*secretum*) deriva de *secernere* — “separar”.

O conhecimento da construção era, portanto, **separado do profano**, não por exclusão, mas por respeito ao sagrado. Essa mesma tradição subsiste na Maçonaria, onde o silêncio e o segredo são instrumentos de disciplina interior.

O verdadeiro segredo não está nas palavras, mas na **vivência simbólica** do trabalho.

Notas de rodapé

1. RAGON, Jean-Marie. *Curso Filosófico e Interpretativo das Iniciações Antigas e Modernas*. Paris: Bachelier, 1841, p. 39.
2. BURCKHARDT, Titus. *A Arte Sagrada no Oriente e no Ocidente*. Lisboa: Vega, 1995, p. 87.
3. *Biblia Moralisée*, ms. 167, Bibliothèque Nationale de France, fol. 1r.
4. SCOTT, Líder. *Os Construtores da Catedral*. Londres: Sampson Low, 1899, p. 143.
5. FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. Paris: Jean Schemit, 1926, p. 102.

CAPÍTULO 6 – A PASSAGEM DA MAÇONARIA OPERATIVA À ESPECULATIVA

6.1 O declínio das corporações operativas

Com o término da era das grandes catedrais (séculos XIV–XV), a função social das **guildas de construtores** começou a declinar.

A Europa consolidava o renascimento urbano e comercial, as monarquias centralizavam o poder, e a arquitetura passava progressivamente às mãos de engenheiros e artistas contratados diretamente pelos príncipes. As **Bauhütten germânicas** e **guildas inglesas** foram gradualmente substituídas por corporações civis, e o segredo da arte, outrora transmitido por iniciação, foi sendo diluído na cultura acadêmica das escolas de engenharia.

No entanto, dentro dessas confrarias remanescentes, persistia o sentimento de fraternidade, os rituais e as tradições simbólicas herdadas dos **Magistri Comacini**. Muitos desses mestres itinerantes, vendo desaparecer sua arte, decidiram **preservar o espírito da construção**, ainda que a matéria se perdesse.

Assim nasceram as **Lojas de Maçons Livres** (*Free and Accepted Masons*), que mantiveram a estrutura das oficinas, mas converteram o ofício físico em **trabalho moral**.¹

6.2 A espiritualização do ofício

A passagem da Maçonaria Operativa à Especulativa não se deu abruptamente, mas como um processo de **transmutação interior**.

Os antigos pedreiros haviam compreendido que as leis da construção material eram também leis espirituais: a harmonia, a proporção e a retidão aplicam-se tanto ao edifício quanto ao caráter humano. Assim, quando as ferramentas perderam sua função técnica, conservaram seu **valor simbólico**.

O esquadro tornou-se emblema da moralidade; o compasso, da sabedoria; o nível, da igualdade; e o prumo, da retidão interior.

O iniciado deixou de ser o obreiro da pedra e passou a ser **obreiro de si mesmo**, reconstruindo o templo interior segundo as mesmas leis do Templo de Salomão, o arquétipo da construção sagrada.²

6.3 A fundação das Lojas especulativas

Os primeiros registros da Maçonaria Especulativa remontam à Escócia e à Inglaterra dos séculos XVI e XVII.

Os **Statutes of Schaw** (1598–99), redigidos por William Schaw, supervisor das obras reais da Escócia, já revelam uma organização iniciática, com ritos, juramentos e três graus hierárquicos. Esses estatutos mencionam os *mystery and craft of masonry* (mistério e arte da maçonaria) — expressão que mostra a permanência do caráter simbólico da construção.⁴

No início do século XVII, intelectuais, nobres e filósofos começaram a ingressar nas Lojas, atraídos pela dimensão moral e universal da fraternidade dos construtores. Essa fusão entre artesãos e eruditos deu origem à **Maçonaria Especulativa**, oficialmente constituída em **1717**, com a fundação da **Grande Loja de Londres**, que

consolidou as regras universais da Ordem. O reverendo **James Anderson**, em suas *Constituições dos Franco-Maçons* (1723), sistematizou a doutrina moral herdada das guildas, afirmando que o verdadeiro Maçom “é construtor de templos de virtude e não de pedra”.

6.4 Continuidade simbólica: do canteiro à Loja

Apesar da mudança de finalidade, a estrutura simbólica das corporações foi preservada quase integralmente:

Elemento Operativo	Equivalente Especulativo	Significado
Canteiro de obras	Loja simbólica	Espaço de trabalho moral
Mestre de Obra (<i>Magister Operis</i>)	Venerável Mestre	Guardião da sabedoria e do rito
Companheiros e Aprendizes	Irmãos da Loja	Trabalhadores da virtude
Ferramentas de ofício	Símbolos morais	Instrumentos de aperfeiçoamento interior
Pedra cúbica	Homem justo e perfeito	Meta iniciática
Planta geométrica	Plano espiritual do Templo	Harmonia universal

Assim, a Loja é o espelho espiritual da antiga *Bauhütte*, e o Aprendiz moderno é herdeiro do Comacino que trabalhava nas montanhas lombardas sob o mesmo princípio: **edificar segundo a Luz**.

CAPÍTULO 7 – CONCLUSÃO

O presente estudo procurou demonstrar que a Maçonaria é a legítima herdeira da tradição construtiva que atravessa a história do Ocidente.

Do *Collegium Fabrorum* de Roma aos *Magistri Comacini* da Lombardia, das *Bauhütten* germânicas às Lojas simbólicas, a mesma ideia persiste: **construir é imitar a obra divina**. O Aprendiz Maçom, ao iniciar seu trabalho, insere-se nessa cadeia milenar. Seu dever é manter viva a chama da sabedoria, transformar a pedra bruta de sua natureza em pedra cúbica da perfeição, e compreender que o verdadeiro templo é o universo inteiro. Assim, ao final da jornada, ele descobre que a geometria, o número e a proporção não são apenas ciências, mas **orações silenciosas gravadas na matéria**, pelas quais o homem participa do mistério da criação.

“A Maçonaria não é uma herdeira da pedra, mas da Luz que a atravessa.”

Notas de rodapé

1. ANDERSON, James. *As Constituições dos Maçons*. Londres: W. Hunter, 1723.
2. FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. Paris: Jean Schemit, 1926, p. 136.
3. BURCKHARDT, Titus. *A Arte Sagrada no Ocidente e no Oriente*. Lisboa: Vega, 1995.
4. SCOTT, Líder. *Os Construtores da Catedral*. Londres: Sampson Low, 1899, p. 201.
5. PLOTINO. *Enéadas*. Madri: Gredos, 1994, V.8.

BIBLIOGRAFIA

- SCOTT, Líder. *Os Construtores da Catedral: A História de uma Grande Guilda Maçônica*. Londres: Sampson Low, Marston & Co., 1899.
- VITRÚVIO. *De Architectura*. Roma, séc. I a.C. Trad. moderna: Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- BURCKHARDT, Titus. *A Arte Sagrada no Oriente e no Ocidente*. Lisboa: Vega, 1995, p. 22.
- *Edictus Rothari* (643). Em: MURATORI, L.A. *Antiquitates Italicae Medii Aevi*, vol. IV. Milão, 1738.
- KNOOP, Douglas; JONES, G. P. *O Maçom Medieval*. Manchester: Manchester University Press, 1933.
- FULCANELLI. *O Mistério das Catedrais*. Paris: Jean Schemit, 1926, p. 43.
- ANDERSON, James. *As Constituições dos Maçons*. Londres: W. Hunter, 1723.
- PLATÃO. *Timeu*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- ALEXANDER, Jennifer S. *Marcas e Práticas de Construção dos Maçons Medievais em Catedrais Inglesas*. Warwick: University of Warwick Press, 2007.
- BÜTTNER, Frank. "As cabanas dos construtores da Idade Média e sua organização." *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, v. 45, n. 2, 1982.
- PLOTINO. *Enéadas*. Madri: Gredos, 1994, V.8.